Sabe mais na página do Facebook

Sabe mais, ou a receber uma dessas ofertas:

Receber Ofertas de Emprego
Receber Ofertas de Formação
Receber Ofertas de Estágio
Receber Ofertas de Voluntariado

Receber Ofertas Comerciais
Receber Ofertas de Parceiros

Sabe mais na página do Facebook

Impacto financeiro da COVID-19 no futebol: Em Portugal, todos perdem (e não é pouco)

Leandro Delgado

SPORT INFORMA

21 Mar 2020 07:00

1 Liga

primeira liga · i liga · coronavirus · Covid-19 · atletas

TV's, clubes, jogadores, Estado e imprensa especializada perdem com a falta de futebol.

Nelas todas as teias, direitos de imagem e sponsors - ANTONIO COTRIM/LUSA

A interrupção do futebol devido a pandemia do COVID-19 teve um forte impacto na economia dos clubes em Portugal e no Mundo. Entre as Ligas de Clubes (ou ligas) envolvidas, o organismo espera perdas entre 350 e 400 milhões de euros no indicador do futebol em Portugal por dois meses sem o desporto-rei.

Habituados a viver sempre no limite, os clubes profissionais em Portugal viram fechadas as torneiras: das receitas, as fluxes em as verbas provenientes das transmissões televisivas, assim como de bilheteira e merchandising, ao mesmo tempo que mantêm os custos com salários de jogadores, staff técnico e demais funcionários.

Frederico Varandas: "Se esta pandemia tem sido tão uma seca, a Sporting colapsou"

Apostas Perdidas: Como a COVID-19 afetou a execução das apostas desportivas em Portugal

Newsletter

Receba o melhor do SAPO Desporto. Diariamente. Não seja email.

Subscreva! · Se subscreveu!

Com a declaração do estado de emergência, os clubes fecharam portas, uma vez que, fechados e para caso e consequent a fazer contas à vida. A solução foi avançar para crises nos salários: tal como acontece em setores duber dos principais campeonatos europeus, a Liga Portuguesa de Futebol Profissional (LPFP) simplificou, uma das medidas extraordinárias pedidas pelo Governo portugês para proteger os postos de trabalho na requisita à pandemia do COVID-19.

Este regime foi adotado em Espanha com o nome de ERTE (expediente de regulação temporária de emprego) e foi utilizado por Barcelona, Athético de Madrid, Espanyol, Alavés, Osasuna e Sevilha. Em Portugal, Benfica, Sporting, Porto, Braga, Vitória de Guimarães, Rio Ave, Marítimo e Boavista foram, que deixaram de fora os footballistas e abrangeram apenas outros funcionários.

A Boavisnews SAD foi o primeiro representante da Liga de Futebol a formalizar o recurso parcial ao lay-off simplificado junto do Instituto da Segurança Social. Solidariedade e Segurança Social (MTSS), enquanto o Departam de Chaves foi o primeiro da Liga a seguir o exemplo, mas não o mesmo regime, ou salários dos jogadores, técnicos, e restante staff são reduzidos a dois terços para um período de 30 dias, sendo que a redução salarial não pode ultrapassar o valor de 1.905 euros (ou por cento) desse valor é suportado pelo Estado. Os clubes que recorreram a este expediente tinham de ter uma "quebra abrupta e acentuada de, pelo menos, 40 por cento da faturação", nos 30 dias anteriores.

Foto: Sporting CP

O Sporting também avançou para o lay-off ao adoptar "medidas de suspensão temporária da prestação de trabalho e de redução do período normal de trabalho, bem como medidas de redução dos contratos com prestadores de serviço, abrangendo cerca de 90 por cento do universo dos trabalhadores dependentes e independentes". Os "sócios" expressam reduzir os custos com pessoal em 40 por cento no período entre 16 de abril e 16 de maio, período de duração do "lay-off. O Sporting já tinha avançado com cortes de salários dos seus atletas, dos membros do conselho de administração, e ainda uma diminuição em 40 por cento dos salários dos footballistas e equipa técnica.

Operadoras ajudam a 'aliviar' impacto da crise no futebol

Com a suspensão dos campeonatos profissionais a 16 de março, sexo o alarme nos clubes das I e II Liga e agora, como cumprir com os compromissos assumidos? A dependência de receitas de patrocínio, bilheteira e da venda dos direitos de televisão deixaram os emblemas dos campeonatos profissionais em situação crítica nestes tempos de pandemia.

As operadoras que também patrocinam os clubes podiam recorrer ao a pager pelos pagos de março que não foram realizados, algo que deixara muitos clubes sem a principal fonte de receitas. Mas, após reuniões entre as partes, mediadas pela Federação Portuguesa de Futebol, as operadoras Altice, NOS e Vodafone, assim como as verbas provenientes das transmissões dos jogos da Liga e II liga, acabaram menos por pagar no restantes jogos de março, ajudando dessa forma os clubes num momento difícil.

Fernando Gomes, presidente da FPF, apoiadores de operadoras de telecomunicações por comprimir "com o que foi estabelecido", referindo-se a decisão de manter o pagamento dos valores de transmissão dos jogos aos clubes da I e II Liga, e considerada uma jogada que "a decisão tomada por Altice, NOS, Vodafone e SportTV" representa "um passo importante para que possamos conseguir um ponto de equilíbrio que muito ajudará a ultrapassar uma crise inesperada."

Mas as operadoras deixaram claro, de acordo com o jornal 'O Jogo', que as duas linhas restantes, correspondentes aos meses de abril e maio, só seriam cobradas se as duas jornadas em falta fossem concluídas, algo que irá acontecer a partir de 04 de junho.

Together has no limits - Altice Portugal

A Altice, num comunicado publicado no início de abril, refere a seguinte posição: "Todos os pagamentos estão regularizados junto dos clubes patrocinados, como muitos deles revoberam e adiantamento de valores, se consideramos a execução dos contratos versus o tempo efetivamente realizados, ou menos o decorrer do calendário, podendo, pois, considerar-se que houve já lugar a pagamentos referentes a jogos não realizados". A Altice considera ainda a pager o que não deve e é possível que não o faça no futuro, fazendo depender a decisão do regresso da Primeira Liga.

Fernando Gomes alertou, no entanto, num artigo de opinião divulgado em vários jornais, que o futuro do futebol não será garantido e que a tempo de parte para a conclusão do seu novo caminho, depois do impacto da pandemia de COVID-19. O líder da FPF diz acreditar que na aberture parcial da sociedade, uma das prioridades do futebol deverá "ser tornar a sua atividade mais sólida", considerando ser importante diversificar fontes de financiamento no futebol nacional. Fernando Gomes realçou que os organismos dos clubes não podem estar dependentes das participações nas competições europeias.

Um estudo recente da UEFA, 'The European Champions Report', sublinhava que o Benfica era o que mais dependia das receitas televisivas entre os campeões dos sete maiores ligas europeias, com as verbas de TV a terem um peso de 61 por cento nas receitas dos clubes verde-rubros, acima do aprox 2016/2019. Dos 100,5 ME de aprox de receitas de televisão, 44,1 ME (estávevi) advém do acordo de dez anos com a operadora NOS, em vigor desde 2016/2017.

A KPMG alertara para o facto de "Portugal ser a única liga representada no estudo em que os clubes negociam individualmente os seus direitos televisivos". Uma estratégia que "permite que os dois maiores clubes portugueses (Benfica e FC Porto) maximizem as suas receitas enquanto o campeonato nacional sofre um evidente desequilíbrio competitivo, sendo que nos últimos 17 anos apenas Benfica e Porto venceram a Primeira Liga".

Além disso, Portugal terá de pensar o seu modelo de distribuição de receitas de TV. É importante centralizar a distribuição, algo que só deverá acontecer a partir de 2027, de acordo com dados do Governo. Num recente estudo, a UEFA aconselha a Primeira Liga como o campeonato com maior disparidade na distribuição das receitas televisivas, quem ocupa mais do que o segundo pais com maior disparidade. O rácio de um clube grande para clube médio é superior a 500 por cento em Portugal, comparado com uma média de 240 por cento nas 24 ligas com venda centralizada.

Jorge Emílio: "Sem a centralização dos direitos televisivos, vai continuar a haver uma grande área as equipas que jogam para manter a sua vida"

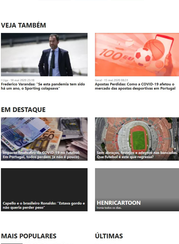
Artigo

Portugal apresentadas, de acordo com o estudo da UEFA de 2018, o último maior mercado de direitos televisivos. Em 2007 o qual valia em 2017 um total de 126 milhões de euros, atrás de Inglaterra (2,9 mil milhões), Espanha (1,2 mil milhões), Itália (mil milhões), Alemanha (820 milhões), France (671 milhões) e Turquia (295 milhões de euros).

Cada clube na primeira divisão portuguesa recebe em média, por ano, sete milhões de euros de receitas televisivas domésticas, contra 145 milhões de um clube inglês, 92 milhões de um clube espanhol e até 16 milhões de um clube turco.

Benfica, FC Porto e Sporting com perdas de 27 ME por mês

Os três meses sem futebol (março, abril e maio) podem representar perdas de 60 milhões de euros apenas nos "três grandes" do futebol portugués. As contas são de Alfredo Silva, professor da Escola Superior de Desporto de Rio Maior, coordenador da licenciatura de Gestão das Organizações Desportivas. Em declarações à agência Lusa, Alfredo Silva estima em mais de 27 milhões de euros por mês as perdas de FC Porto, Benfica e Sporting, devido a pandemia de COVID-19.



Rui é consular estas no relatos - - ANDRÉ PENNER/AP, A. GÓMEZ

O especialista chegou esses valores somando as três "áreas de negócio" mais relevantes em termos de receitas. Nas bilheteiras pode existir "uma perda real mensal de 4,5 milhões de euros", número ponderados com os mais de 3,5 milhões de espectadores que assistiram a jogos de I Liga em 2019/19, a maior fatia dos quais em torno destes três nomes.

A quebra será maior quando se trata de transmissões televisivas. Com o campeonato parado, não só as adeptos não podem marcar presença nos estádios, como não conseguem assistir as partidas em casa, através da televisão. Nesse cenário, em apenas um mês, as perdas com a distribuição televisiva das partidas, bem como outros contratos relacionados, originariam "uma perda de 17 milhões de euros" para os três clubes.

O nulo não deve perdoar nenhum dos três grandes com os patrocínios e outros contratos de publicidade, que podem "ser mitigadas" para os clubes, mas acabam por afetar mais "as empresas e marcas patrocinadoras". "Os contratos poderão ser renegociados, mas por pouco original (para os clubes) perdas mensais de seis milhões de euros", acrescenta o docente universitário.

Desvalorização da Primeira Liga atinge os 185 milhões de euros

Sem jogos e com os jogadores a não ser valorizarem, o impacto da pandemia de COVID-19 vai crescendo a cada dia. Na Liga Portuguesa, esse impacto será superior a 185 milhões de euros, menos com a retoma programada para 04 de junho, aponta um estudo da consultora KPMG, revelado a 06 de maio.

COVID-19: Pandemia vai "acentuar a perda de adeptos" no Futebol

Artigo

Antes do início da pandemia, em fevereiro, a Liga Portuguesa estava avaliada em 1.000 milhões de euros, mas a consultora prevê que tenha fechado no primeiro dia 04 de junho, ainda, mas o valor total dos clubes desceu 17,3%, para 891 milhões de euros. Caso não fosse possível a retoma da I Liga, as perdas estariam na ordem dos 26,8%, para 792 milhões de euros.

Relativamente a outros campeonatos, na Liga Francesa, por exemplo, que já foi dada oficialmente por concluída (maravilhosamente) a perda total rondava os 27,7%, passando a sua avaliação de 1.730 milhões de euros para 2.720 milhões.

Um dos impactos dessa pandemia será sentida no mercado de transferências da próxima janela. Com os jogadores parados e a crise financeira instalada, haverá menos poder de compra por parte dos clubes, assim como um maior cuidado nos investimentos. Mesmo os emblemas com maior poder de compra como são os casos da Premier League, tendência a ter mais cuidados no mercado.

De acordo com um estudo realizado pelo Observatório do Futebol (CIES), o valor de transferência dos jogadores cairá perto de 28%, de 32,7 para 23,6 mil milhões de euros (ME), se não se disputarem jogos ou não existirem renovações até ao final da janela. Mas tudo irá depender das datas do fim das competições e como ficarão as quedas contratuais dos atletas.

Estado também perde com paragem do futebol

A crise financeira no futebol provocada pela pandemia de COVID-19 também tem implicações nas receitas do Estado. Fiscalizar sucedes pela agência Lusa subdivisam que cortes salariais dos footballistas da Liga durante a pandemia de COVID-19 podem reduzir a receita fiscalizada do Governo entre cinco e seis milhões de euros (ME) por mês.

"Na última época foram pagos quase 230 milhões a jogadores e treinadores e um corte de 50 por cento durante três meses pode representar uma poupança a rondar os 30 ME em salários. A consequente redução do IRS, admitindo taxas marginais a rondar de 40 por cento e a Segurança Social, estaremos a falar à volta de cinco ME por mês", sublinha Samuel Almeida, especialista em direito fiscal da sociedade de advogados Vieira de Almeida.

COVID-19: Jogadores querem ajudar a Liga a "sobreviver" e Estado a outros setores nos apoios

Artigo

Além dos descontos a menos, relacionados com a "inevitabilidade de reduzir a massa salarial", como frisou Miguel Monteiro, do gabinete de Mariana Leitão, justifica a queda do montante a receber pelo Estado com "todas as operações que crescem ou se reduzem significativamente", como a decisão de patrocínios e de 'merchandising' ou a ausência de venda de bilhetes e de dias de jogo.

De acordo com a última edição do Anuário do Futebol Profissional Portugués, a Liga Portuguesa de Futebol Profissional e outras sociedades desportivas geraram quase 607 milhões de euros em volume de negócios, contribuindo com 24 ME em impostos e mais de 286 milhões para o Produto Interno Bruto (PIB) portugués na época 2017/18.

"Valemos em cerca de 0,2% do PIB e a I Liga representa 15% desse valor, verificou-se. Aqui não estão incluídas diversas variáveis como impactos em publicidade, receitas das operadoras de telemóvel, turismo, apostas, equipamento e material desportivo, além de montantes pouquíssimo ao Estado no fomento do desporto", alertou Samuel Almeida.

Os três meses sem futebol (e acreditando que a I Liga será mesmo retomada no dia 04 de junho) terá grandes implicações nos clubes mas também nos atletas e até no próprio Estado.

Mas há outras entidades, que dependem direta e indiretamente do futebol, que acabam por perder, como são os casos da comunicação social especializada, dos negócios que exploram este mercado, como a venda ambulante em torno dos estádios, dos cafés que se enchem em de clientes em dias de jogos.

Apostas Perdidas: Como a COVID-19 afetou a execução das apostas desportivas em Portugal

Frederico Varandas: "Se esta pandemia tem sido tão uma seca, a Sporting colapsou"

EM DESTAQUE

Mais Benfica, Sporting e Porto: Os 10 clubes portugueses que mais ganham com a Liga dos Campeões

Luis Andrade: "Benfica e Sporting são também o Estado e a sua imagem"

Capelo e o Ionalhero Ronaldo: "Estava gordo e não queria perder peso"

HENRICARTOON
HENRI MATOS E SÁ

MAIS POPULARES

1. Artificial: 16 anos contenciosos no estádios onde não ser disputados os jogos da I Liga até final da época
2. Douglas: "Em parte fomos responsáveis pela saída de Ukaka"
3. Impacto financeiro da COVID-19 no futebol: Em Portugal, todos perdem (e não é pouco)
4. Os artistas
5. Bruno Fernandes surpreende no regresso aos treinos

ÚLTIMAS

1. Artificial / Arsgiolo Fatto dos clubes condiciona progressão no Bangu
2. Capelo e o Ionalhero Ronaldo: "Estava gordo e não queria perder peso"
3. COVID-19: Um 'dejo' a ela abierta e a pedir a mayor de uma nova normalidade
4. Luís Andrade por trás iniciativa solidária do lateral Pedro Sousa
5. Capelo: "A mim nunca me chatiou a dúvad no Ionalhero"

COMENTÁRIOS

(0)